

LIVROS E REVISTAS

ESTANISLAU FISCHLOWITZ, *Fundamentos da Política Social*. Coleção do Instituto de Estudos Políticos e Sociais. Livraria Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1964.

Creemos que a apresentação dos pontos-de-vista fundamentais desenvolvidos no volume será suficiente para demonstrar seu interesse e valor. Depois de conceituar a política social — termo êsse inda inexplicavelmente pouco firmado no Brasil — e examinar seus antecedentes históricos, o autor expõe as bases demográficas, econômicas e sociais propriamente ditas, em que descansam as realizações normativas, contratuais e individuais de política social que parecem, atualmente, constituir o denominador comum de todos os países civilizados do mundo em que vivemos.

O ponto de gravidade do estudo fica, como é natural, deslocado para o exame sucinto, porém sistemático e atualizado ao máximo, do panorama brasileiro. Não é por acaso que o programa de “reformas de base”, de índole predominantemente social, assumiu últimamente, entre nós, importância crucial. Depois de examinar atentamente tanto as condições objetivas peculiares do nosso meio, co-

mo os movimentos doutrinários, que provocaram a reorientação social dos programas desenvolvimentistas, o autor aborda o estudo do balanço do reformismo social brasileiro, no sentido mais amplo dessa expressão, tentando distribuir eqüitativamente luzes e sombras. Procura confrontar as soluções brasileiras com as adotadas no estrangeiro. No seu modo de ver, já não bastam os propósitos filosóficos das respectivas realizações, mesmo que sejam as mais legítimas e dignas de todos os aplausos. Os elevados encargos que impõem à economia têm que encontrar, com efeito, a sua plena justificação no seu máximo rendimento funcional, rigorosamente conforme a seus objetivos programáticos. O autor aponta os rumos das futuras conquistas sociais, que lhe parecem as mais salutares, pronunciando-se contra o freqüente divorcismo entre os critérios sociais e econômicos, que deveriam inspirá-las de modo devidamente harmonioso e equilibrado.

Não faltam trabalhos brasileiros de indubitável valor, dedicados a cada um dos setores da política social, considerados isoladamente, sobretudo abundantes no tocante às instituições protetoras e tutelares de trabalho. Contudo, têm, via de regra, cunho mais jurídico do que

sócio-econômico e, às vezes, mais descritivo do que analítico. É nunca se fez uma tentativa no sentido de abordar a exposição da política social, em seu conjunto, com atenção prestada à íntima interdependência, existente entre uns e outros instrumentos de bem-estar social. O presente trabalho é, pois, um dos raros subsídios na literatura brasileira, e mesmo universal, para a análise, doutrinária e prática, com ênfase em sua unidade orgânica, dos diversos aspectos da política social.

Para todos os sinceramente interessados no melhor conhecimento dessa vasta e complexa matéria e no aperfeiçoamento da atuação das instituições de política social nacional, o estudo de autoria do Professor ESTANISLAU FISCHLOWITZ contém um importante acervo de idéias, sugestões e recomendações que merecem ser cuidadosamente meditadas.

Desejamos enfim ressaltar um ponto metodológico de alto valor na obra do Professor FISCHLOWITZ. Referimo-nos à perfeita articulação que faz o autor entre os aspectos, analiticamente distintos, de ciência, moral e técnica. A divergência entre êstes três aspectos justifica a distinção lógica no plano teórico; e mesmo, em virtude das implicações metodológicas desta distinção, a autonomia respectiva dessas três atividades intelectuais. Não se pode garantir a objetividade de nosso conhecimento sem distinguir nitidamente êstes três grandes momentos do saber: diagnóstico da realidade, opção ideológica, programação política.

Quando do plano teórico se deseja passar ao prático da política

e da ação, cessa aquela autonomia intrínseca da ciência e da técnica perante a moral: torna-se necessário estabelecer o primado da ordem moral. Tal posição, que é assumida pelo Professor FISCHLOWITZ, diferencia-se de toda e qualquer forma de cientismo, positivismo ou liberalismo. Ao mesmo tempo, a autonomia epistemológica o distancia de qualquer posição materialista.

Devemos notar que êste primado moral não significa exclusividade dos princípios morais na orientação da política e da ação.

Com rara felicidade o autor mostra como podem ser usados os conhecimentos técnicos e como as leis científicas que são aprendidas na própria realidade poderão ser entrosadas com as exigências éticas, o todo constituindo uma doutrina bem estabelecida. Não temos assim uma "política social" construída *a priori*, mas um perfeito equilíbrio entre indução e dedução científica.

Neste sentido a obra do Professor FISCHLOWITZ é pioneira; lançou-se êle num campo de análise extremamente difícil e com singular êxito conseguiu nos apresentar uma obra que será de referência obrigatória para todos os que se interessam pelas ciências sociais. — R. Ozanam de Andrade, S. J.

S. I. HAYAKAWA. *A linguagem no pensamento e na ação*. Livraria Pioneira Editôra. São Paulo, 1963.

O presente volume é dedicado ao estudo das relações entre a linguagem, o pensamento e o compor-

tamento, e nêle se examinam a linguagem e os hábitos lingüísticos das pessoas, segundo se revelam no pensamento, na fala, na audição, na leitura e na escrita. A proposição básica do volume é a de que a vasta cooperação intra-específica através do emprêgo da linguagem é o mecanismo fundamental da sobrevivência humana. Enumera o autor uma proposição paralela: a de que, quando o uso da linguagem tem como resultado, como com tanta freqüência se provou, a criação ou o agravamento de discórdias e conflitos, alguma coisa está errada em quem fala, ou em quem ouve, ou nos dois. O autor afirma que a aptidão humana para a sobrevivência significa a habilidade de falar, ler, ouvir e escrever de modo a aumentar as possibilidades de sobrevivência para os membros da espécie humana.

Desejamos chamar a atenção para a importância dêste volume para os estudiosos de ciências sociais. Hoje em dia o público está ciente, talvez num grau nunca antes atingido, do papel que a comunicação verbal desempenha nos negócios humanos. Esta consciência provém, em parte, da premência das tensões existentes entre nação e nação, classe e classe, indivíduo e indivíduo, num mundo que está mudando com incrível rapidez. Provém, igualmente, do conhecimento, de parte até dos menos refletidos elementos da população, de que forças poderosas estão contidas nos veículos da comunicação em massa, como sejam imprensa, rádio, televisão. Em diversas e múltiplas situações da vida, as pessoas que pensam sentem a necessidade de um auxílio sistemático na enor-

me tarefa que hoje nos enfrenta, isto é, a necessidade de interpretar e avaliar as comunicações verbalmente recebidas e que de todos os lados transbordam sobre nós.

Mas a tarefa de prover para êste auxílio não é fácil, pois os princípios da semântica são extremamente abstratos, enquanto as situações nas quais a orientação semântica se faz necessária são bem concretas. Sabemos que a tarefa do estudante de semântica, desejoso de ajudar o próximo, não pode consistir na enunciação de postulados gerais, por mais verdadeiros que êstes sejam. Sua tarefa é viver e agir, em tantas situações quanto possível, com os princípios semânticos na cabeça, de modo que, antes de recomendá-los aos outros, êle possa ver como tais princípios podem (ou não podem) ser aplicados a problemas humanos gerais.

Esta tarefa é admiravelmente bem executada no presente volume. Queremos ressaltar dois pontos importantes. O autor explicita bem um aspecto que chamaria de ético e que deve estar subjacente à semântica. A semântica, como vimos, é o estudo da interação humana através dos mecanismos de comunicação lingüística. Conseqüente com o intercâmbio de comunicações, o resultado é, às vezes, cooperação, às vezes, conflito. A pressuposição ética básica da semântica, análoga à pressuposição médica de que a saúde é preferível à doença, é que a cooperação é preferível ao conflito. O autor tenta mostrar porque esta pressuposição pode e deve ser feita, e procura unificar todo o livro em

torno dela como de um tema central.

Um segundo ponto, mais prático, a ressaltar no volume é todo um material que sob o título de "Aplicações" é colocado no fim de cada capítulo. Tais aplicações têm por fim habilitar o leitor a aferir a clareza com que entendeu o que diz o autor; outras aplicações sugerem operações ou atividades pelas quais o leitor poderá aferir experimentalmente algumas das idéias expendidas. As "aplicações", portanto, têm um duplo objetivo: oferecer um meio pelo qual possa o leitor, em acréscimo à leitura sobre semântica, absorver o ponto-de-vista do semanticista, mediante o empreendimento de verdadeiras pesquisas e exercícios; ao mesmo tempo, incitá-lo a não aceitar a palavra do autor, seja sobre o que for que venha exposto no livro, sem uma séria reflexão.

Não duvidamos de chamar esta obra de magistral, no sentido mais literal do termo. Acrescentemos dois méritos, que não são os menores: esplêndida apresentação gráfica e tradução cuidadosa, fato, aliás, que devemos ressaltar em tôdas as publicações da Pioneira. — R. Ozanam de Andrade, S. J.

Cincinnatus and the Apparatchik.
ZBIGNIEW BRZEZINSKI e SAMUEL
P. HUNTINGTON. Separata de
World Politics. 1963.

O estudo, de autoria de dois eminentes autores americanos, o primeiro, um dos maiores soviétólogos, e o segundo, grande vulto da ciência política, destina-se a submeter à análise comparativa a

liderança política na atual organização estatal estadunidense e soviética.

À primeira vista, parece pomposa demais a denominação de *Cincinnatus* como símbolo das classes dirigentes dos Estados Unidos, de fato excessivamente idealizadas. Oposta a representantes do aparato político-partidário da U.R.S.S., pode criar impressão de definição tendenciosa, virulentamente anti-comunista, dos grupos-líderes desses dois países.

Entretanto, o trabalho aqui examinado, escrito *sine ira et studio*, leva, muito pelo contrário, a conclusões opostas e de índole surpreendente. Prevê e encara com indisfarçável simpatia a substituição do atual amadorismo da elite governamental americana mediante sua paulatina profissionalização, até certo ponto, *toute proportion gardée* afim a modelos soviéticos. Eis mais uma interessante, embora indireta, prova da crescente aproximação de duas gigantescas potências, que evoluem rumo à economia tecnologicamente avançada, e isto a despeito de supostamente irreconciliáveis contrastes entre a organização da vida política e a orientação social dos respectivos regimes econômicos... Franca-mente, não se sabe aonde é que nos poderá levar esse caminho.

Que integra, no momento, nos Estados Unidos a classe representativa do *Establishment*? Em um passado recente, predominavam políticos ou politíqueiros "eleitores", até com posição relevante reservada à *political machinery bosses*. Na administração de KENNEDY aumentou a freqüência de políticos, com diminuição da burocracia

cia governamental, com permanência, quase intacta, dos representantes de negócios, com aproveitamento amplo, pela primeira vez, de professores e educadores, e com incremento do "grupo misto", integrado por pessoas, experimentadas, simultaneamente, em carreira pública e privada. O que caracteriza, de qualquer modo, a liderança americana é a sua heterogeneidade. Como ideal abstrato figura sempre o cidadão distinto, que, sacrificando suas responsabilidades permanentes, assume, temporariamente, altos cargos públicos ("Cincinnato"). Entretanto, tal conceituação não resiste à prova de novas exigências técnicas na conduta moderna de negócios públicos. A tradição de amadorismo baseia-se, com efeito, no falacioso pressuposto conforme o qual se possam transferir os dotes gerenciais comprovados em demais setores de vida, para posições-chave político-administrativas. A profissionalização da alta carreira administrativa encontra, é verdade, obstáculos no período limitado do mandato presidencial, sobretudo, quando assume as rédeas do poder, alternativamente, um depois do outro, os dois grandes partidos políticos. Extensos serviços governamentais, combinados com certa experiência no setor privado, parecem, porém, constituir base da futura profissão elitária político-administrativa, que, aos poucos, diminuirá a atual distância entre a solução americana e a soviética.

Em que consiste, em última análise, a fórmula da suprema administração comunista? Caracteriza-a, antes de mais nada, a homogeneidade quase absoluta.

Na União Soviética os "revolucionários profissionais" logo cederam lugar a representantes do grupo altamente especializado e integralmente profissionalizado, submetido a intensivo treinamento em altas e médias escolas de administração, de caráter distrital e interdistrital. Quem o compõe são os membros do aparelho partidário. Tal carreira é, em tese, vitalícia. Requer qualidades de dinamismo e flexibilidade, conhecimento esmerado da doutrina comunista, certa experiência no trato de problemas de gerência industrial — assim como instinto infalível de previsão, quanto à futura liderança suprema da U.R.S.S. . .

Evidentemente, nas condições específicas da "democracia soviética", não apresenta interesse algum a popularidade de tais administradores, expressa em votos que possam ganhar em eleições partidárias ou estatais. Os *apparatchiki* vêm sendo acompanhados por "ideólogos profissionais" e peritos, devidamente especializados em determinados setores. A classe de membros do partido remunerados oscila em torno de 4% do total (em 1962, 150.000-200.000).

Vale a pena examinar mais de perto a composição dos estratos dirigentes, que evidencia, com o tempo, algumas alterações, merecedoras de maior interesse. Assim, em 1962, nada menos de 81% da liderança soviética estavam integrados por membros do aparelho político (sob STALIN, apenas 53%, e sob MALENKOV, 61%); 18,8% dos quadros dirigentes perfaziam, em 1962, burocratas estatais, de carreira industrial (sob STALIN, 33%, e sob MALENKOV, 28%).

Quanto mais elevados os escalões administrativos, tanto maior a proporção dos *apparatchikis*. Cumpre, ainda, destacar exigências cada vez mais rígidas, no que diz respeito ao preparo escolar dos quadros dirigentes. Tiveram, em 1962, diplomas de ensino superior 76% dos líderes (sob STALIN apenas 40% e sob MALENKOV, 56%).

Finalizando essa excelente exposição, os autores salientam que a elite superior da U.R.S.S. parece obedecer, rigorosamente, a famosos conceitos de MAQUIAVEL, formulados do seguinte modo (substituindo-se apenas a palavra "guerra" por "política"):

"O Príncipe não deveria cuidar de qualquer outro objetivo nem estudar qualquer outro problema, a não ser a política, a sua organização e disciplina, pois que apenas essa arte é necessária para quem comanda e dirige. A principal causa da queda do Estado provém da negligência, manifestada para com essa arte"... — *Estanislau Fischlowitz*.

J. FOURASTIÉ. *Productivité, prix et salaires*. Agence Européenne de Productivité da O.E.C.E. Paris, 1957.

Este estudo de J. FOURASTIÉ deveria fazer parte de uma obra intitulada *Medida da Produtividade*, em três volumes. O primeiro volume, publicado em 1955, tratou dos conceitos e princípios gerais da medida da produtividade. O segundo, que apareceu em 1956, abordou a medida ao nível da empresa. A obra, aqui analisada, deveria constituir o terceiro volume,

sobre medidas de produtividade baseadas nos dados estatísticos existentes. A publicação deste último volume foi, contudo, retardada, de sorte que o presente estudo do Professor FOURASTIÉ foi publicado separadamente, em junho de 1957, a fim de suscitar a discussão e encorajar a pesquisa nesse campo. Esta publicação da O.E.C.E. foi feita pela AEP, não significando, contudo, aceitação total e incondicional da tese de FOURASTIÉ, nem recomendação dos métodos aí analisados.

O Professor J. FOURASTIÉ criou um método muito original para medir as tendências *a longo prazo* da produtividade. Ele evita abordar de frente as dificuldades estatísticas que surgem quando queremos combinar os dados da produção e do emprego. Poder-se-ia dizer que o método do Professor FOURASTIÉ é um método *indireto*, visto que, em vez de abordar diretamente a produtividade, definida como relação entre os *inputs* e os *outputs*, ele analisa a relação entre os preços e os salários.

Na introdução geral, o Professor FOURASTIÉ acena às dificuldades das medidas indiretas da produtividade, analisando as fontes das mesmas, e mostra a importância científica e a utilidade prática de tais medidas, sem se esquecer de suas servidões. Em seguida, aparecem, nas duas partes de seu livro, a medida da produtividade pelos preços e as medidas derivadas das estatísticas da produção nacional.

A análise da primeira parte do livro, juntamente com as verificações experimentais apresentadas, mostram a existência de uma cor-

relação entre preços reais e produtividade. Desta correlação decorre o elo que une o progresso técnico ao progresso social pela mediação do progresso econômico: o progresso técnico faz baixar o preço real de custo, o qual faz em seguida, a longo prazo, baixar o preço de venda. E quando o preço real de venda baixa, o poder de compra aumenta (*ceteris paribus*), visto que o preço real é exatamente o inverso do poder de compra.

O Professor FOURASTIÉ indica em seguida os limites desse método: 1. o resultado do cálculo é sempre aproximativo; 2. o método não é utilizável com preços especulativos, i. e., o método não é aplicável em curto prazo: quanto mais o preço é especulativo tanto maior deve ser o período de referência. A produtividade é essencialmente de longo prazo, sendo-lhe estranho o curto período; 3. a escolha do salário de referência influencia muito os resultados. Em princípio, a fim de se obter o preço real, deve-se dividir o preço corrente pela renda média corrente da população ativa, que contribui para fabricar o produto, desde as matérias-primas brutas, fornecidas pela natureza. A aproximação pelo salário-médio introduz necessariamente uma distorsão.

Esse método dos preços reais, contudo, apesar de suas imprecisões e limites, é o mais adequado e seguro dos métodos de cálculo da produtividade integral, ao nível da escala nacional e em longo prazo. Ele constitui um elo estreito e concreto entre os fatos da produtividade e os fatos do poder

de compra dos salários e do nível de vida. É um instrumento de primordial interesse para todos os estudos de caráter econômico e social.

Na segunda parte, o Professor FOURASTIÉ considera os métodos derivados do cálculo da produção nacional. O emprêgo desses métodos é delicado, e os resultados são grosseiros: bem inferiores àqueles que são obtidos a partir do estudo dos preços reais. O método dos preços reais é, com efeito, analítico e válido a longo prazo, o que coincide bem com os caracteres essenciais da produtividade. Pelo contrário, a noção de renda nacional é global por definição e perde quase toda sua significação a longo prazo. Contudo, quando já não houver outros meios, o recurso aos dados das contabilidades nacionais, tratando-se de nações de estruturas econômicas relativamente semelhantes, pode ser efetuado com cautela e precaução.

Inversamente, mostra-nos o Professor FOURASTIÉ, nesse seu livro, como a noção de produtividade e, principalmente, o conhecimento das disparidades que existem de uma nação a outra, e de uma época a outra, entre as produtividades de diferentes produções, esclarecem substancialmente a comparação das rendas nacionais reais, dos poderes de compra e dos níveis de vida. No futuro, não se poderá mais dissociar o estudo das rendas reais do das produtividades.

É ainda muito cedo para formularmos uma apreciação definitiva da importância teórica ou da utilidade prática dos métodos trabalhados por J. FOURASTIÉ. Sua hipótese de base é que os preços

e os salários são determinados *unicamente* pelo nível do progresso técnico. A longo prazo, esta hipótese pode parecer plausível; contudo, para períodos mais curtos, ela simplifica manifestamente o problema, ainda que possa chegar a resultados que nos dão uma compreensão mais profunda do fato em questão. — J. B. Calazans Machado, S. J.

JACQUES DE BANDT. *Dimension du marché et optimum de production*. Collection du groupe de recherches Marché Commun. Louvain-Paris (Nauwelaerts), 1962.

O estudo abrange duas partes: I — esboço de alguns elementos da teoria da produção; II — elementos de morfologia industrial. Na primeira parte, a produção é considerada na tradição de WALRAS e DUPRIEZ, segundo os diferentes tempos operacionais. Inicia-se a análise intemporal da teoria da produção com uma descrição do sistema de equilíbrio, em seus dois níveis de abstração (WALRAS): nível da indústria e nível da unidade de produção. A análise da teoria walrasiana é clara, e mostra bem a assimilação perfeita das idéias do mestre e da escola de Louvain. Seguem-se: o equilíbrio específico do empresário (igualdade do preço de custo e do preço de venda), as proporções *optima* dos fatores de produção, os elementos do processo de substituição (elasticidades), a dimensão da unidade de produção, a função do custo médio na adaptação total, o equilíbrio da dimen-

são e o *optimum* de produção (em função do custo médio), as economias de escala inexploradas.

Os tempos operacionais analisados, sob influência direta do mestre L.-H. DUPRIEZ (cf. *Philosophie des Conjonctures Economiques*), distinguem-se em: curto prazo e longo prazo. A curto prazo, a intensidade do processo de concorrência ("compétitif") está em jôgo, pois a elasticidade da curva de procura se refere ao mercado particular. Mas, por outro lado, a teoria das formas do mercado não pode fazer abstração da interdependência geral walrasiana. A atenção é levada nesse curto prazo à exploração das capacidades dadas, considerando logicamente tanto as economias da escola como os inconvenientes resultantes. A longo prazo, faz-se mister introduzir a ação do empresário modificando as relações funcionais definidas pelo processo de produção: a inovação.

A alusão a SCHUMPETER é clara em DE BANDT. Da interdependência geral de WALRAS passamos assim ao otimismo do longo prazo de SCHUMPETER. Do equilíbrio instável e adaptável, ao progresso pela ação inovadora do empresário agindo sobre os fatores e sobre a dimensão do mercado e o *optimum* da produção.

Na segunda parte, morfologia industrial, são abordados alguns elementos mais concretos do problema da dimensão da unidade de produção. Trata-se, antes de tudo, de uma descrição das ligações técnicas que caracterizam a produção. Precisa-se depois a noção de dimensão do mercado que responde ao esquema intemporal da pri-

meira parte: a procura individual tem em consideração as possibilidades múltiplas de substituição, isto é, a integração do produto num mercado global heterogêneo, numa dimensão dada. Os fatores determinantes da dimensão do mercado são os recursos naturais e o produto nacional, a população e a sua densidade. As fronteiras comerciais constituem zonas de descontinuidade específica. Os valores de equilíbrio, no plano intemporal, são definidos em relação às funções dadas de utilidade. Não há aqui ações sobre as escalas de preferências. Todas as preferências múltiplas devem estar integradas na definição de procura. A heterogeneidade da produção adapta-se à situação dos consumidores. A evolução qualitativa da procura será posta em relação com o nível e a densidade das rendas. Por seu lado o processo de repartição do produto entre os fatores ("imputation") será afetado por qualquer modificação na escassez relativa dos fatores específicos.

Esse monumental estudo teórico de inspiração walrasiana, que nos oferece JACQUES DE BANDT, termina com a análise de certos aspectos das combinações dos serviços produtivos, em relação com a dimensão das unidades de produção: o fator trabalho, o capital circulante, o fator capital. Uma introdução objetiva e elucidativa do problema, breves resumos antes das duas partes, quadros analíticos claros, sumário e extensa bibliografia, assim como um pequeno e prático glossário de definições e termos, completam magnificamente essa obra. Sua leitura

ra torna-se, contudo, um pouco difícil para quem não acompanha a tradição walrasiana ou desconhece as obras de DUPRIEZ. Apresenta-se como fruto de pesquisas feitas em países europeus e como contribuição para o mercado comum. Suas hipóteses de base diferem assim essencialmente daquelas comuns a países na fase primeira de um desenvolvimento econômico. Contudo, a primeira parte desta obra, embora supondo conhecimentos avançados de economia e sendo muito densa, é a que oferece mais atrativo e maior contribuição traz ao estudo dessa relação fundamental em economia: o *optimum* de produção e a dimensão do mercado. — J. B. Calazans Machado, S. J.

F. POMPEO DO AMARAL. *O problema da alimentação* (Aspectos médicos, higiênicos, sociais). 2 volumes. Coleção "Documentos Brasileiros". Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1963.

O problema da fome (e, por conseguinte, da alimentação) constitui um dos *leit motivs* sobre os quais mais insistem hoje os estudos sócio-econômicos em todo o mundo. Tem sido objeto de pesquisas, sérias e honestas, de técnicos, de sociólogos, de economistas. Tem sido, também, pretexto para as explorações fáceis dos demagogos da ciência e dos *nouveaux riches* da meia ciência enfiada.

Num assunto em que grande parte dos fundamentos se encontram nas estatísticas e, mais do que isso, na estatística, gente que nunca soube o que a estatística é

e pode fornecer, tira conclusões rigorosíssimas e fabrica dogmas incontrastáveis baseados uns e outros sobre dados frágeis e dos mais contestáveis.

Porque usam números, que leram mal e mal em quadros bem arrumadinhos, pensam (quando são capazes realmente de pensar...) que estão fabricando verdades! No entanto, um dos postulados (irônicos, talvez, mas não menos certos) da ciência estatística é que com os números tudo se prova, inclusive a verdade...

No meio de tanta coisa de valor tão duvidoso que por aí se escreve (no Brasil e alhures) sobre assunto tão difícil, o livro do Dr. POMPEO DO AMARAL é incontestavelmente alguma coisa de sério e de bem meditado.

É ele, aliás, um velho e persistente estudioso do assunto. Em 1936 já escrevia sobre os efeitos da alimentação carboidratada sobre os doentes do coração. Em 1939 preocupava-se com o ensino de dietética e com o efeito dos regimes carentes de vitaminas. E assim num total de cerca de vinte publicações, distribuídas nos últimos vinte anos, mostrou que a matéria permanentemente lhe interessou, encarada de um ponto-de-vista geral, como sobre muitos de seus aspectos particulares.

De todos eles, o livro mais completo, mais meditado, mais rico em documentação é incontestavelmente *O problema da alimentação*. Distinguido em 1956 com a maior recompensa existente nesse domínio em nossa terra, o Prêmio da Academia Nacional de Medicina, sai agora, em excelente apresentação, na coleção "Do-

cumentos Brasileiros", da editôra José Olympio.

Como diz o parecer de J. V. COLARES MOREIRA, PEREGRINO JÚNIOR e NEVES MANTA que lhe deu o prêmio, o autor é *jorrado* de excelente cultura, mesmo literária. Começa estudando a fome através dos tempos, desde os mitológicos em que, filha da Noite, "penetrava as entranhas dos que desprezavam os deuses"... Lembra o maná com que o Senhor matou a fome do seu povo escolhido, no deserto, e chega até a época moderna e contemporânea, mostrando como o fenômeno atravessa, incólume, os séculos e as civilizações.

Examina, em seguida, do ponto-de-vista da ciência moderna, o conceito quantitativo (o único que outrora se considerou) e o conceito qualitativo (o grave problema das carências) da fome fisiológica (e patológica).

Passa, depois, ao aspecto brasileiro da questão, baseando-se em uma série de pesquisas (estatísticas, sociais, médicas), algumas delas promovidas por ele próprio.

Examina o que lhe parece deva ser uma política alimentar em favor do povo, insistindo na necessidade de cogitar da qualidade e do gênero de alimento: "mais carne, mais pescado, mais leite, mais cereais": o que parece, de fato, uma justa insistência contra a propaganda, um pouco primária, que se vem fazendo sobre o mínimo de calorias, como único objetivo a atingir.

Como se vê, o livro do Dr. POMPEO DO AMARAL é trabalho dos mais completos. E há a notar, como elemento importante, a

excelente bibliografia em que se baseia, a qual, se não erramos a conta, abrange 957 títulos! — Paulo Sá.

THOMAS MERTON. *Questões abertas (Disputed Questions)*. Tradução das Religiosas do Priorado da Virgem de Petrópolis. AGIR. Rio de Janeiro, 1963.

O presente livro *Questões Abertas* foi, com muita felicidade, prefaciado e definido por Me. M. LOUIS O.C.S.O.: "Tenciona estimular (...) a consciência para as coisas espirituais".

Questões abertas é constituído por ensaios sobre temas de controvérsia. Possuem todos certa relação com a situação em que vivemos, ainda que, à primeira vista, possam parecer estar muito distantes dela. Porque em todo o livro há uma questão que se repete incessantemente: a questão filosófica da relação entre a pessoa e a organização social.

Entre os muitos ensaios da obra, referimo-nos especialmente a dois, mais diretamente ligados às preocupações desta revista: o caso PASTERNAK e cristianismo e totalitarismo.

No caso PASTERNAK, assistimos ao drama de um notável escritor, isolado em presença de uma enorme máquina totalitária, que se volta contra êle. O caso PASTERNAK foi encerrado em 30 de maio de 1960, quando morreu o solitário poeta russo, de 70 anos de idade, na colônia de escritores que êle tornou famoso: Peredelkino, a 20 milhas de Moscou.

Em 1958, fôra-lhe atribuído o Prêmio Nobel de Literatura pelo

romance *Dr. Zhivago*, e por obras de toda sua vida, em prosa e em verso, e, possivelmente, por suas traduções. Sob pressão soviética, PASTERNAK recusou-se a receber o prêmio.

Houve nos dois blocos, soviético e ocidental, muito alarde por parte da imprensa em torno do caso. O mundo inteiro, inclusive muitos jovens da União Soviética, haviam-se voltado para êle, como para uma figura profética, cuja ascendência era principalmente espiritual. Sua influência não foi tanto pelo que disse, mas pelo que foi: uma espécie de "sinal" de honestidade, integridade, sinceridade.

Dr. Zhivago foi escrito em 1950, terminado logo após a morte de STALIN. Rejeitado em 1956, circulou dentro da própria Rússia em edição clandestina. O manuscrito caiu em mãos de um editor italiano, que era comunista e desde então deixou de o ser. Foi impresso e teve enorme êxito no Ocidente.

A presença de PASTERNAK despertou médo no coração de toda gente, tanto na Rússia como na América. Reações em ondas alternadas de amor, ódio, lisonja, que se arremessaram sobre êle, todas desencadeadas pelo sentimento de culpa de uma sociedade que, consciente e intencionalmente, traiu a vida, se vendeu à falsidade, ao formalismo e à degradação espiritual.

Os políticos do Kremlin, não sendo escritores, não compreendiam do que se tratava, ficaram menos inclinados a inculpar; foram lentos em tomar as medidas acerca do caso. No Ocidente, a

reação foi diferente. Sentimos o mesmo medo e culpa, mas em grau diferente, e, entusiasmados, admiramos nele a coragem e a integridade que nos faltou.

Encontramos em PASTERNAK um caráter pré-cristão, livre de qualquer rigidez formalista ou hierárquica. Um cristianismo ingênuo de quem descobriu o cristianismo por si mesmo, desajeitado, mas à vontade, sem fórmulas dogmáticas.

Não se situou *contra* a revolução russa, mas se moveu em sentido da liberdade. Não da liberdade do homem soviético, pelo desaparecimento do Estado Soviético, mas na liberdade essencial e verdadeira.

O tema central de *Dr. Zhivago* é a própria vida. *Dr. Zhivago* não se opõe ao comunismo, não é uma defesa da democracia ocidental. *Dr. Zhivago* confronta o comunismo com a própria vida, e deixa-nos na presença de conclusões inevitáveis.

O comunismo propôs-se a controlar a vida com um sistema rígido e com a tirania de formas artificiais. Aquêles que acreditaram neste engano e se submeteram a êle como a uma "fôrça superior" sofreram o castigo, deixando de ser perfeitos seres humanos, deixando de *viver* no pleno sentido do termo. Mesmo os mais idealistas, tornam-se vítimas do próprio idealismo.

Os acontecimentos de outubro e novembro de 1958 ressaltam o fato de que PASTERNAK era um dos poetas russos mais amados e admirados na própria Rússia. Foi um ser raro, que sobreviveu inexplicavelmente às depurações de STA-

LIN, conservando não só a vida física, mas a plena liberdade espiritual: uma espécie de símbolo de liberdade e de espírito criador, em meio a uma sociedade e a um mundo alienados.

O livro era demasiadamente grande e vital. PASTERNAK não era defensor da democracia ou de sistemas econômicos ou políticos ocidentais. A liberdade que PASTERNAK defende é a do "espírito", quase tão morta no Ocidente, quanto atrás da Cortina de Ferro. Talvez mais morta onde os homens acariciam a idéia de que o espírito possa sobreviver numa atmosfera de materialismo grosseiro. O mais vil personagem do *Dr. Zhivago* não é um dos autómatos do comunismo, mas, sim, um esperto homem de negócios.

PASTERNAK teve a grandeza simbólica de alguém que, tendo conseguido sobreviver ao pior dos expurgos executados por STALIN, surgiu depois da morte dêle, para tornar público o que se pensava do stalinismo, não na França, Inglaterra ou América, mas em plena Rússia Soviética.

O Prêmio Nobel a PASTERNAK causou imediata celeuma na imprensa russa, porque foi considerado ato de hostilidade e nova manobra da guerra fria.

Uma das críticas mais importantes pronunciadas no *Dr. Zhivago* é a condenação do caos e da falta de sentido de tãda política do século XX. É a asserção de que a política cessou, praticamente, de ser de fato uma fôrça vital e importante na sociedade humana.

PASTERNAK não só nos aponta o mal como oferece uma sólida e verdadeira esperança. A saída far-

se-á por novos caminhos: encontrando-nos a nós mesmos nos outros, descobrindo as fontes interiores de amor e liberdade, colocadas por Deus na natureza, descobrindo Cristo no meio de nós tal como "alguém que não conhecemos".

É a única e real solução para os seres humanos. É a solução do amor e da vida, reduzidos a uma só e mesma coisa.

É quanto a cristianismo e totalitarismo:

A tarefa do cristão em nossa época é a mesma de sempre: edificar no mundo o Reino de Deus. Dentro da perspectiva escatológica, a manifestação terrena do Reino de Deus é apenas uma sombra do Reino Eterno que está por vir. Mas, temos que enfrentar sem rodeios o fato de que devemos Edificar o Reino de Deus, neste mundo, em preparação ao Reino da Eternidade. Isto significa: construir um mundo melhor aqui e agora. Isto, porque o homem não é puro espírito. Tem vida corporal, necessita de alimento, teto, proteção, companhia, trabalho, afeição, etc. Sua salvação depende, em grande parte, de conseguir para sua família um padrão de vida razoável, normal, de participar livremente na vida política, artística, intelectual e religiosa.

Onde não há um nível de vida decente, liberdade, justiça, educação, como edificar na terra o Reino de Deus, um reino de amor?

Mas, os cristãos não foram os únicos a enfrentar o problema de construir uma sociedade nova, em melhores condições. Não fomos os primeiros a enfrentar essa tarefa urgente de nosso século. Outros se precipitaram em nossa frente. Não

podemos ignorar, porém, os terríveis despropósitos que têm cometido, na tentativa de construir um mundo melhor, sem amor, sem Deus. Confiam no dinheiro, na técnica, na organização, mas menosprezam a força espiritual do amor.

Acreditam na organização, no totalitarismo, onde o homem-massa é facilmente moldável. Prêsa fácil para o ódio e o fanatismo. A organização-massa coloca sempre a causa acima do indivíduo, sacrificando a pessoa aos interesses da organização. Ser membro de uma organização de massa, na maioria dos casos, significa "evasão de liberdade", renúncia à responsabilidade pessoal, maneira de viver guiada pelo pensamento do grupo, pela vontade do líder.

A Igreja nos propõe, e é, algo maior e mais profundo: a união dos membros de Cristo formando uma só pessoa, um só Cristo. E, no entanto, cada um é individualmente cristão, outro "Cristo".

A Igreja, como sociedade divina, possui organização, leis e disciplina, mas tudo em função do bem de cada um dos indivíduos. Não é, portanto, uma organização-massa, onde o indivíduo se perde. As massas podem ser realmente provocadas, mas só a pessoa individual pode responder a um chamado por livre escolha e autode-terminação.

O Corpo Místico de Cristo não é propriamente uma organização, mas um organismo. É algo vivo, regido pelas leis da vida. Tendo leis próprias, a vida não tolera ser governada por algo que venha de fora dêsse autogoverno.

No cristianismo, a pessoa humana tem sempre maior importância que a coletividade. Isto se manifesta pelas curas que por vezes ocorrem nas grandes concentrações em Lourdes. O importante não é que haja grande multidão a cantar e a rezar, mas é que *uma pessoa* que estava doente se levantou e se retirou curada.

A alegria de todos é a ampliação da alegria daquela pessoa.

No Reino de Deus, os que se acham mais altamente colocados existem para os que se encontram abaixo deles (Mat. 20, 25-27). A queixa fundamental de KAL MARX contra a religião foi de que ela operava uma alienação sistemática do espírito humano. Separava o homem de si mesmo, de seu próprio espírito. O conceito é de algum modo simplificado. Representa uma análise da religião vista por fora, por alguém cujos instintos religiosos foram frustrados, pelo indiferentismo prático e hipocrisia do meio burguês, onde vivia.

Sua idéia de alienação do homem pela religião, pelo sistema econômico, pela política e filosofia é a sua mais genial contribuição à história do espírito humano. Mas, o cristianismo não tem que temer esse agudo instrumento de crítica marxista. Onde jamais alcançou o espírito humano tamanha alienação como nas organizações-massa do século XX, especialmente na União Soviética?

O dever do cristão é lutar contra a alienação espiritual do homem. É preservar a integridade, a individualidade, a liberdade da pessoa humana, fornecendo-lhe armas contra o totalitarismo. Trata-se de uma tarefa urgente a ser realizada

onde houver uma paróquia, um colégio, e, especialmente, uma universidade e um seminário.

A experiência deve nos ter demonstrado que não basta ser anti-comunista para preservar-se a liberdade dos povos. É preciso um cristianismo autêntico e heróico, a fim de construir o Reino de Deus.
- Sandra Cabral.

Universities Administration in Practice. Organizado por OSWALD NIELSEN. Escola de Negócios, Universidade de Stanford. Califórnia, 1959.

Durante o verão de 1957, a Escola de Negócios da Universidade Stanford realizou um seminário para administradores de alto nível de universidades privadas japonesas. O presente volume é uma coleção das conferências pronunciadas no seminário.

As conferências estão reunidas em seis partes: organização e administração geral; doações e subvenções para pesquisa; orçamentos e finanças; atividades dos departamentos de pessoal e de finanças; taxas escolares; ideais da educação superior.

A maior parte dos conferencistas são chefes de departamentos administrativos da Universidade de Stanford e a contribuição que apresentam tem interesse limitado. Devemos excetuar o trabalho que encabeça a coletânea, intitulado: "A administração das Faculdades e Universidades americanas", preparado pelo professor de educação superior de Stanford, W. H. COWLEY, que, de maneira muito sintética, mas muito clara, compa-

ra os diversos tipos de govêrno das universidades.

O professor faz breve consideração sôbre a influência exercida pelo modelo da universidade de Paris, pré-napoleônica, naturalmente, sôbre as universidades alemãs e inglêsas e, a seguir, toma como contraste o modelo italiano histórico, transmitido às universidades americanas através da Holanda e da Escócia. É assunto de interêsse geral, muito bem exposto.

Quanto às outras contribuições, de valor bastante desigual, supõem um conhecimento prévio dos problemas da administração universitária para que possam ser bem apreciadas.

Os sistemas descritos nos trabalhos que tratam de orçamento e finanças, em geral, são muito semelhantes aos adotados por empresas comerciais e industriais, embora menos flexíveis. As nossas universidades usam, de modo geral, métodos característicos do velho serviço público.

É de esperar que êsses velhos métodos sejam abandonados em favor de outros mais adequados ao nosso tempo. E para esta renovação, o presente trabalho pode oferecer não poucas sugestões apreciáveis. — *Paulo Novais.*

PAUL E. SIGMUND. *The ideologies of the developing nations.* Frederick A. Praeger. Nova York, 1963.

O livro de PAUL SIGMUND proporciona ao leitor uma das mais apaixonantes leituras, dentro do tema do mundo que hoje emerge para o desenvolvimento: as ideologias do desenvolvimento.

Na introdução, o autor, depois de propor uma noção de ideologia, passa a examinar as tônicas fundamentais das ideologias em elaboração nos países em desenvolvimento. As quatro partes do livro focalizam, respectivamente, as ideologias que se vêm formando na Ásia, no mundo islâmico, na África e na América Latina. Elas são apresentadas através de excertos de escritos de pensadores e líderes políticos dos diversos países. Quanto à Ásia, o leitor é introduzido no conhecimento de MAO TSE-TUNG, CHO EN-LAI, SUKARNO, U-NU, GANDHI e NEHRU. No mundo islâmico, entra em contacto com AYUB KHAN, KARIM KASSEM, NASSER, BOURGUIBA e BEN BELLA. Na África, lhe são apresentados SEKOU TOURÉ, MADEIRA KEITA, KWAME NKRUMAH, KOFI BAAKO, JULIUS NYERERE, NNAMDI AZIKIWE, OBAFEMI AWOLowo, MAMADOU DIA e SÉDAR SENGHOR. Na América Latina, enfim, encontra uma coletânea dos pronunciamentos de FIDEL CASTRO, ABEL ALEXIS LATENDORE, HAYA DE LA TORRE, ROMULO BETANCOURT, EDUARDO FREI e JUSCELINO KUBITSCHEK.

Uma breve nota biográfica precede sempre os excertos dos diversos autores, com indicações infra-marginais muito sóbrias, num mínimo indispensável para a compreensão do texto.

Julgamos que, ao conceito de ideologia proposto pelo autor, falta um elemento importante, que é seu caráter essencialmente indutivo. A ideologia é um conjunto de idéias induzidas de um processo histórico concreto, condicionado, portanto, por êle. É neste caráter indutivo que reside a distinção

essencial entre uma ideologia e uma filosofia ou uma doutrina; não apenas no fato de que a ideologia conote a idéia de engajamento e seja portadora de uma eficácia operacional. É a falta deste elemento indutivo que leva o autor a considerar (pág. 4) o marxismo, o cristianismo e o liberalismo como ideologias, e não como doutrinas que inspiram as mais variadas ideologias e as julgam do ponto-de-vista de seus próprios juízos de valor e, principalmente, de sua concepção do homem.

O autor soube, com vigor e clareza, destacar as grandes tônicas das ideologias emergentes: a aspiração pela liberdade e pela independência nacional, criando um novo surto de nacionalismo, comparável ao que irrompeu no início da era mercantilista; a criação de um novo sistema educacional mais adequado às exigências dos povos que se libertam; a sedução pelos modelos socialistas, e por vezes comunistas, de desenvolvimento econômico; a tentativa de criação de um novo tipo de democracia cuja realização é confiada a um governo forte, órgão de poder de um partido único ou predominante; a tendência à integração regional sob forma cooperativa ou federativa; a revalorização das culturas nacionais tradicionais; o esforço por não se deixar alinhar nas órbitas de polarização dos grandes blocos internacionais.

Não há dúvida que esses temas representam as tendências básicas dos textos coletados pelo autor, o que não exclui a existência de oscilações violentas em sentidos diversos e contrários. Entretanto, parece-nos que o fenômeno funda-

mental subjacente a tôdas essas correntes é o despertar, em todos os povos em desenvolvimento, de uma consciência crítica em face de todos os valores e modelos veiculados pela civilização tecnológica. Ao lado de um repúdio geral dos modelos capitalistas, observa-se uma atitude crítica relativa aos modelos comunistas e principalmente à doutrina marxista. É impressionante quanto o materialismo dialético encontra repulsa nas grandes correntes espiritualistas do pensamento budista, islâmico e africano. O livro de SIGMUND deixa no leitor a convicção indelével de que o espiritualismo, a supremacia dos valores morais, são ainda o grande denominador comum da grande maioria da humanidade.

Por toda parte, percebe-se a busca de uma linha média, sem compromissos filosóficos nem políticos, que permita utilizar o que há de válido nos sistemas vigentes. O fato vem propiciando uma variedade nunca vista de experiências de novos modelos econômicos e políticos, escolhidos todos em função de um critério e de uma aspiração: a promoção e o desenvolvimento. Tôdas essas experiências são muito recentes para se julgar de sua eficácia. Principalmente algumas nos parecem a nós, habituados aos modelos ocidentais, sumamente aleatórias, como a tentativa de formação de uma democracia à base do partido único. Precisamente nos países onde esta experiência é tentada, assiste-se a uma preocupante orquestração em torno do culto da pessoa do chefe, que não parece prenunciar nada de autenticamente democrático.

Até que ponto as tendências fundamentais discernidas pelo autor são de fato expressivas, não dos textos apenas, mas da realidade histórica dos países do terceiro mundo? Só se poderia responder a esta dúvida se fôsse possível constatar o valor representativo dos trechos escolhidos. Não temos competência para tanto, mas, a julgar pelo Brasil, representado por apenas um trecho de conferência do Sr. KUBITSCHER sobre a Operação Pan-Americana, a nossa impressão é que a escolha nem sempre foi feliz. Não teria sido difícil encontrar outros excertos mais expressivos do processo ideológico brasileiro, em face dos problemas do nacionalismo, do desenvolvimento e do neutralismo.

Em que pêssem estas observações críticas, insistimos em dizer que o trabalho do Professor PAUL SIGMUNDO é um repertório rico que permite ao leitor desvendar um pouco do gigantesco esforço de promoção do mundo subdesenvolvido; permite-lhe ouvir com nitidez as vozes daquele que foi até agora chamado o mundo do silêncio. — *Fernando Bastos de Avila, S. J.*

CELSO BARROSO LEITE e LUIZ PARANHOS VELLOSO. *Previdência Social*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1963.

É impressionante o recente desenvolvimento de estudos brasileiros no campo da Previdência Social. Não são mais apenas trabalhos jurídicos, para cujo aprimoramento muito contribuíram, ultimamente, vários autores de renome, como sejam: MOACIR VELLOSO

CARDOSO DE OLIVEIRA, MOZART VICTOR RUSSOMANO, GERALDO BEZERRA DE MENEZES e ALBINO PEREIRA DA ROSA. Aparecem monografias especializadas de valor científico extraordinário, destacando-se entre elas o estudo de autoria do Professor A. F. CEZARINO JUNIOR. Surgem manuais didáticos, como o excelente compêndio elaborado por ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS. Enfim, ataca-se o problema-chave da crise econômico-financeira previdenciária, por exemplo, no notável trabalho do economista ANTÔNIO GOMES DA COSTA, recém-publicado pelo IPES.

O estudo acima citado, redigido por dois conhecidos peritos, altamente especializados nessa matéria, ambos procuradores do IAPI, enriquece o acervo de nossos conhecimentos nesse setor, dentro de sua abordagem ampla e multilateral. Procura colocar o exame científico da Previdência Social no amplo pano de fundo de seus aspectos sociais e econômicos. Talvez haja nêle algumas imperfeições, omissões e lacunas, como, por exemplo, no tocante à exposição da legislação estrangeira, porém nunca erros ou inexatidões. Dedicada, sem razão convincente, atenção demasiada a problemas terminológicos e desce, às vezes, a minúcias de importância secundária, como seja no que diz respeito à questão de horário nos Institutos de Aposentadoria e Pensões.

O que, porém, constitui o maior mérito do livro ora recenseado é a crítica construtiva, a que submete, pela primeira vez, a solução consubstanciada na lei orgânica. Os ilustres autores observam acertadamente que os compromissos

que aquela lei comporta "ultrapassam nitidamente as fontes de custeio". Analisam, com grande talento, o plano de benefícios, desmascarando impiedosamente tôdas as facetas de transbordamento, de hipertrofia, de excessos, prejudiciais e contraproducentes.

Assim, essa obra prima pode servir, ao mesmo tempo, como ponto de partida particularmente feliz, para a futura e impostergável "reforma previdenciária". — *Estanislaw Fischlowitz.*

J. CLAGETT TAYLOR. *The Political Development of Tanganyika.* Stanford University Press. Califórnia, 1963.

O livro é um excelente estudo sôbre o desenvolvimento político de Tanganica, desde o período da colonização alemã, em 1880, até a independência, em 9 de dezembro de 1961.

Nos primeiros capítulos, o autor descreve, em largos traços, a história de Tanganica e analisa a formação de seu povo: as várias

tribos, a influência européia e asiática. Maior ênfase, porém, é dada ao estudo da administração britânica, primeiro em 1920, sob regime de protetorado da Liga das Nações, e depois da segunda guerra mundial, em 1946, quando passou a ser território dependente das Nações Unidas.

Um dos pontos mais interessantes do livro é a análise que o autor faz das razões do maior sucesso da cooperação racial na Tanganica, em relação aos outros países africanos.

O trabalho analisa a formação do TANU, União Nacional Africana de Tanganica, em 1954, o primeiro partido nacionalista, e o papel que exerceu no desenvolvimento do país.

Termina fazendo um resumo da situação política nos dois primeiros anos de independência. Elogia NYERERE como líder nacionalista e evoca a atuação de Sir DONALD CAMERON, que muito contribuiu para a harmonia racial, nesta região promissora do novo mundo africano. — *Gene Borges.*

OUTROS LIVROS RECEBIDOS

Além dos livros comentados nesta seção, foram também recebidos os que figuram na relação abaixo. Ao assinalá-los à criteriosa atenção dos nossos leitores, apresentamos aos autores e editôres os melhores agradecimentos da redação da revista, pela gentileza da remessa.

Ciências Políticas

ALEXANDER HEARD. *The Costs of Democracy. Financing American Political Campaigns.* Doubleday. Nova York, 1962.

DAVID CUSHMAN COYLE. *The United States Political System.*

New American Library of World Literature. Nova York, 1963.

HENRY TAYLOR. *The Statesman.* New American Library of World Literature. Nova York, 1958.

MICHAEL CURTIS. *The Great Political Theories.* The Hearst Corporation. Nova York, 1961.

LIVROS E REVISTAS

JOHN BOWLE. *Western Political Thought*. Methuen. Londres, 1961.

HUSZAR E STEVENSON. *Political Science; an Outline with Questions and Answers*. Littlefield, Adams. Nova Jersey, 1961.

ROBERT MICHELS. *Political Parties*. Dover Publication. Nova York, 1959.

ERNEST BARKER. *Greek Political Theory*. Methuen. Londres — 1961.

JOSEPH S. ROUCEK. *Contemporary Political Ideologies*. Littlefield, Adams. Nova Jersey, 1961.

ERNEST BARKER. *Reflections on Government*. Oxford University Press. Nova York, 1958.

JACOBSEN E LIPMAN. *Political Science*. Barnes and Noble. Nova York, 1962.

SMITH E ZURCHER. *Dictionary of American Politics*. Barnes and Noble. Nova York, 1963.

FREDERICK POLLOCK. *The History of the Science of Politics*. Beacon Press. Boston, 1960.

VÁRIOS AUTORES. *Staatslexikon*; Reclit, wirtschaft, Gesellschaft. VIII vol. Herder. Freiburg, 1963.

Ciências Econômicas

OFFICE STATISTIQUE DES COMMUNAUTÉS EUROPÉENNES. *Statistiques de base de la Communauté; Comparaison avec certains pays européens, le Canada, les États-Unis d'Amérique et l'Union des Républiques Socia-*

listes Sociétiques. 4.^a edição, 1963.

WILLIAM BEARD. *The Economic Basis of Politics and Related Writings by Charles A. Beard*. Vintage Books. 3.^a edição, 1960.

U. N. — F.A.O. *Coffee in Latin America; Productivity, Problems and Future Prospects; II — Brazil, State of São Paulo*. 2 vols. 1963.

Ciências Sociais

OCTÁVIO DOMINGUES. *Origem e introdução da palma forrageira no Nordeste*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Ministério da Educação e Cultura. Recife, 1963.

MAURO DE ALMEIDA. *Filosofia dos pára-choques*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Ministério da Educação e Cultura. Recife, 1963.

GONÇALVES FERNANDES. *Região, crença e atitude; uma visão da religiosidade reativa de pequenos e médios agricultores de sub-áreas de Pernambuco*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Ministério da Educação e Cultura. Recife, 1963.

OLYMPIO DE MENEZES. *Itinerário de Delmiro Gouveia*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Ministério da Educação e Cultura. Recife, 1963.

DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS S. J. *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Estudos de História Ultramarina e Continental. Museu do Dundo, Lisboa, 1963.